

ALDYR SCHLEE E O ENTRELUGAR: AS QUESTÕES DE FRONTEIRA EM “PRIMEIRO DE JANEIRO”, “DOMINGOS” E “ESTAÇÃO RIO BRANCO”, DA OBRA UMA TERRA SÓ.

Prof. Dr. Pedro Brum Santos¹
Angelise Fagundes²

Resumo:

*Este trabalho aborda a questão da fronteira e da identidade do sujeito fronteiriço na obra **Uma Terra Só**, de Aldyr Schlee. Para tanto, foram selecionados três contos - **Primeiro de Janeiro**, **Domingos** e **Estação Rio Branco**. Nestes contos, o sujeito desse espaço de passagem é aquele que, como aponta Aldyr Schlee, “desvenda o lado de lá, mas com a certeza de que ele é apenas uma outra maneira de se ver o lado de cá” (1988, p.4). O gaúcho habitante desse espaço é, por consequência, híbrido, diferente, mestiço. Este trabalho, portanto, observa o gaúcho neste espaço flutuante de fronteira, neste entrelugar que faz dele um campo aberto à procura de descoberta e identificação.*

Palavras-chave: Literatura; Fronteira; Identidade; Aldyr Schlee.

Introdução

A obra **Uma Terra Só** (1984), de Aldyr Schlee, é composta de quatorze contos, dentre os quais, fazem parte “**Primeiro de Janeiro**”, “**Domingo**” e “**Estação Rio Branco**”. Há nesta obra um enorme compromisso com a memória local, com a cidade de Jaguarão, cidade gaúcha que faz fronteira com o Uruguai. Nesses contos, Schlee configura o espaço fronteiriço como um espaço flutuante, de entrada e saída de diferentes culturas, como um entrelugar que permite a identificação com ambos os lados. As personagens representadas ao longo das narrativas apontam para uma mescla cultural.

Este espaço de fronteira é, primeiramente, simbólico, e no plano de representação refigura a realidade do homem, permitindo a este **perceber e qualificar a si próprio, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo** (PESAVENTO, 2001, p.7). Esta fronteira é antes de encerramento de um espaço, processo de pertencimento, de identificação, marco de referência imaginária que se define pela diferença e alteridade com relação a outros, como bem aponta Sandra Pesavento (2001, p. 7).

A identidade, segundo Bernd,

é um conceito que não pode afastar-se do de alteridade: a identidade que nega o outro, permanece no mesmo. Excluir o outro leva à visão especular que é redutora: é impossível conceber o ser fora das relações

¹ Pedro BRUM SANTOS, Prof. Dr.
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Departamento de Letras Vernáculas/CAL
psantos@smail.ufsm.br

² Angelise FAGUNDES DA SILVA, Mestranda em Estudos Literários
Universidade Federal de Santa Maria. (UFSM)
angelisef@via-rs.net

que o ligam ao outro. [...] Trata-se, pois de apreender a identidade como uma entidade que se constrói simbolicamente no próprio processo de sua determinação. (1992, p. 17).

O sujeito habitante do espaço fronteiro busca no outro o seu próprio reconhecimento. Este é, por consequência, híbrido, diferente, mestiço - em função, também, do próprio processo globalizante, que dissolveu as fronteiras. O sujeito desse espaço de passagem é aquele que, como aponta Aldyr Schlee, **desvenda o lado de lá, mas com a certeza de que ele é apenas uma outra maneira de se ver o lado de cá** (Schlee, 1988, p. 4). Deste modo, os múltiplos contatos com o outro possibilitam um processo de transculturação.

No caso do Rio Grande do Sul, parece que a porosidade fronteira é ainda mais intensa. O gaúcho se identifica mais com os países do Prata do que com o restante do Brasil. A língua, embora portuguesa, tem muitos espanholismos. A indumentária, os costumes, os mitos, a literatura, a cor local – tudo se assemelha bastante. A fronteira com Argentina e Uruguai permitiu aos gaúchos, e aos habitantes do lado de lá da fronteira também, uma transmutação de valores, que o contato com diferentes culturas provoca.

Um artigo muito esclarecedor sobre a identidade de fronteira, do hibridismo cultural que permeia este espaço é o de Jérri Roberto Marin – “Hibridismo Cultural na Fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia”. Acerca da fronteira, Marin afirma que **o ir e vir fronteiro e as trocas culturais contestam e fragilizam a visão de que as fronteiras são precisas e de que o Estado é soberano** (Marin, 2004, p. 325). As fronteiras, embora com marcos indicando limites, são sempre imaginárias, móveis, incertas.

A heterogeneidade que habita este espaço é marcada não só pelo seu sujeito, mas também pela arquitetura, pela moeda que transita no comércio local. Cidades limítrofes como Jaguarão (RS) apresentam uma singularidade européia, bastante presente nos monumentos do Uruguai e da Argentina. A ponte que une Brasil e Uruguai, nesta cidade, é um bom exemplo disso. Outro grande motivo que gerou a diversidade da fronteira foram as construções ferroviárias, através do fluxo migratório e imigratório. No caso da ponte que liga Jaguarão ao Uruguai, esta estabelece a ligação dos dois países através da via férrea. Um dado significativo que Marin (2004) aponta é o de que 40% da população de Corumbá, cidade brasileira fronteira com a Bolívia, era de estrangeiros. No Rio Grande do Sul esta estatística não se difere muito, certamente. Isso demonstra a mescla, a mestiçagem, a heterogeneidade deste espaço.

Consequência desse hibridismo cultural, desse fluxo populacional constante, afora a grande interatividade de culturas, é a indefinição identitária do sujeito de fronteira. Há falta de uma nação precisa, pois o sujeito ora se identifica com o **lado de cá**, ora com o **lado de lá**. Dessa forma, há o forjamento de um gaúcho que é tanto do Rio Grande do Sul como do Uruguai.

No tocante a nação, no governo de Getúlio Vargas houve uma tentativa de nacionalização das fronteiras, com uma política territorial e com o avanço das ferrovias, que permitiria formar uma identidade nacional. Ser brasileiro é uma construção política coletiva nacional, uma construção ideológica que deveria proporcionar diferenças culturais em relação ao lado de lá da fronteira. Enfim,

Criar um “nós”, em oposição a um “outro” com que os brasileiros não poderiam se identificar. A identificação identitária ocorre na medida

em que se cria essa fronteira, separando o “nós” brasileiro, “deles” estrangeiros. [...] (MARIN, 2004, p. 334)

Nesse caso, é importante também considerar que as diferenças existentes numa mesma nação devem ser apagadas para se forjar uma identidade nacional. Se pensarmos no Rio Grande do Sul, em relação ao Brasil e ao Uruguai, certamente há uma maior identificação com o país vizinho do que com a própria nação. Isso ocorre por vários fatores, como a cultura, os costumes, muito embora seja a proximidade territorial o fator mais relevante.

“Primeiro de Janeiro”, “Domingos”, “Estação Rio Branco”

Os três contos selecionados para a análise têm em comum, primeiramente, o espaço físico da fronteira entre Brasil e Uruguai, entre Jaguarão e Rio Branco. Nas primeiras páginas da obra **Uma terra só** tem-se a seguinte afirmativa: **Aqui há uma terra só, uma só gente, seja do lado de cá, seja do lado de lá.** (SCHLEE, 1984, p. 6). O locativo **aqui** aponta para um entrelugar, representando um espaço intermediário que não é o lado de cá nem o de lá da fronteira. Isso identifica a fronteira como um espaço característico, onde se mistura o lado de lá com o lado de cá, formando uma mesma comunidade, um mesmo **lugar**.

No conto “**Primeiro de Janeiro**”, a instância narrativa se constrói através de uma narração heterodiegética centrada no narrador. Esse narrador não deixa que o leitor esqueça que, embora muito próximo do real – como a utilização de um espaço físico existente, de referências históricas – o leitor está frente ao literário. Isso fica claro neste conto quando surge a **mulher do gringo**. Neste momento, a narrativa muda o foco – a construção da ponte fica em um outro plano – sobrepõe-se, então, o encantamento do primo de Pardito pela mulher estrangeira. Um encantamento pelo outro, uma identificação com o outro, que ocorre neste espaço fronteiriço.

As personagens desse conto são *el gaúcho* Pardito, o Primo, o Pai, a Mãe, a mulher do gringo e o gringo. Embora o narrador focalize as duas primeiras, as demais têm grande significação na narrativa. Referente à identidade, pai, mãe, primo são categorias de pertencimento, que permitem uma identificação maior por parte da personagem Pardito consigo mesmo, com seu espaço, seu tempo, sua fronteira.

A ação gira em torno da inauguração da ponte internacional que liga, via ferrovia, Brasil e Uruguai:

inaugura-se a ponte, a enorme ponte de como um quarto de légua, ligando finalmente o Brasil e o Uruguai. As caras e o jeito das pessoas vindas de todo o lugar para a inauguração. Os automóveis, as charretes, os carros, as carroças, os cavalos. Os trens, os trilhos dos trens, dormentes, vertigem de movimento, de velocidade tlaquetlaqueando rumo a Jaguarão e Rio Branco. (SCHLEE, 1984, p. 61)

A data, tempo da narrativa, contida na primeira frase do conto remete à história – **primeiro de janeiro de mil novecentos e trinta e um** (p.61). É válido (re)lembrar que na década de 30 o governo de Getúlio Vargas fez uma tentativa de nacionalização das fronteiras, com uma política territorial e com o avanço das ferrovias, o que mostra que o conto de Schlee busca legitimar o histórico. Com isso, houve um constante fluxo migratório e imigratório no espaço fronteiriço, garantindo a sua diversidade

característica. O tempo da narrativa é o tempo passado [**Foi o verão mais quente que já se teve** (SCHLEE, 1984, p. 61)], narrada no pretérito perfeito do indicativo, indicando uma temporalidade bem marcada.

Outro marco identificador da fronteira neste conto é o rio que divide os dois países. A ponte também se enquadra nessa identificação, mas vai além. Ela é a representação do entrelugar, porque é nela que o povo fronteiriço se mistura, onde ambos os lados se cruzam. Pela ponte as pessoas vão e vem. Rio e ponte se completam dessa forma – um por ser a primeira travessia, primeiro caminho percorrido para unir Brasil e Uruguai, a outra por ser a ligação concreta entre as duas nações.

No rio, embaixo, barcos enfeitados, as chatas, os iates que haviam carregado ferro e cimento, cimento e ferro, cimento e ferro meses a fio, para a construção. As pessoas debruçadas na amurada, olhando o rio bem de cima. A água limpa da estiagem passando em desordenados redemoinhos. Logo, a praia, o porto, as casas; longe, os telhados, as torres. Do lado de lá, agora, a grande alfândega atravessada sobre a ponte; e o casario; e a planura a perder de vista. (SCHLEE, 1984, p. 62)

Em “**Primeiro de Janeiro**” há uma forte identificação do lugar. Isso se dá muito pela repetição de termos como **do lado de lá, do lado de cá, do outro lado, vem, vai, ir e vir**.

De lá, do outro lado, vem um sujeito a cavalo; costeia o rio. Quem está do lado de cá, sobre a ponte, pode vê-lo enquanto espera a inauguração. É só voltar-se para o Uruguai e olhar à esquerda, acompanhando a margem desde o primeiro grande pilar em terra seca, até encontrar o próximo. (SCHLEE, 1984, p. 62)

Outro fator interessante nos contos de Schlee é a forma como o sujeito de fronteira é caracterizado na narrativa. Não há um apelo ao mito do gaúcho, como é recorrente na literatura produzida no Rio Grande do Sul. Não há o culto a uma identidade forjada pelo modelo romântico alencariano. Schlee aponta em “**Primeiro de Janeiro**” um gaúcho desvencilhado das atividades do campo, mas ainda não desapegado totalmente do seu cavalo:

- Pai, pedira Pardito. E o pai deixava ele andar no bote. Ir no bote; e vir. Ir e vir. Ir e vir. De pura broma. Depois a sério, ajudava o pai, na ida; e na volta. Ida e volta. Ida e volta. Ida e volta. O resto da vida com o pai, no bote. (SCHLEE, 1984, p. 64)

A linguagem é peculiar neste espaço de fronteira, bem como é uma característica marcante em toda a narrativa de Schlee. Os diálogos travados no texto são quase todos em língua espanhola. Isso indica a diversidade, a mistura, o hibridismo cultural existentes neste espaço. Há uma troca constante – cultural, monetária, lingüística, etc. Aqui é possível constatar também a identificação com o **lado de lá**, pois a língua aproxima e faz com que a comunicação seja estabelecida. Acerca da identidade, é importante destacar, também, que a única personagem nominada é **Pardito**, as demais são identificadas pelo que representam – primo, gringo, mulher do gringo.

- Adiós, Pardito! – Diz um guardaao vê-lo.

(...)

- ¿Qué te pasa, primo?

- Nada. (p. 62)

(...)

Foi um dia de muito calor mesmo. As barras de gelo se derretiam na usina elétrica. A cidade se quedava parada, como numa fotografia. (SCHLEE, 1984, p. 67)

Referente à onisciência intrusa do narrador, há uma forte criticidade em “**Primeiro de Janeiro**”. O narrador alça mão de personagens desfavorecidas, como Pardito e o Primo, que servem aos donos do poder, como ao gringo, por exemplo. Essas personagens são colocadas embaixo da ponte e de lá observam e escutam toda a movimentação da sua inauguração. O narrador dá, ainda, uma posição ao gringo, exatamente pela sua identidade de poder.

Estão só os dois embaixo do grande vão, sob a alfândega uruguaia. Todos trataram de subir as escadinhas laterais e ocupar um lugar para ver, mesmo de longe, o ato inaugural. [...] O gringo e roupa de linho branco estará mais vermelho do que nunca, recostado na bengala de cana. Estará rindo como sempre. E em torno dele estarão os engenheiros e os empreiteiros e os ficiais e capatazes, e a gente toda rindo, muito contentes. (SCHLEE, 1984, p. 64-65)

Gringos, franceses, uruguaioes que juntos uniram-se para a construção da ponte são **o outro**. O outro é, neste conto, o que possibilita a formação característica da cultura fronteiriça. A mudança deixada por essa mistura cultural (gringos, franceses, uruguaioes) também aparece no conto. Antes da ponte, por exemplo, o primo, Pardito e o pai atravessavam as pessoas de um lado para o outro da fronteira com seu barquinho. Com a chegada dos construtores e a edificação da ponte isso se modificou também. O primo, como observa o narrador, não gostou do fato de ter passado a empurrar carrinho de mão – virado estivador, carroceiro, ajudante, mandalete:

Sabe que ele nunca se conformou em ter que empurrar carrinho de mão noite e dia, depois de ficar parado no bote, dia e noite, sem ninguém para atravessar. Sabe que ele não se agradou de virar estivador, depois carroceiro, e muito menos ajudante ou mandalete. Sabe que ele também não gostava dos estrangeiros que tinham vindo de toda a parte do mundo, nem dos dois brasileiros, fugidos da revolução deles. Sabe que ele tinha jurado de morte o gringo da mulher que andava nua em casa, quando foi despachado por atrevido. Sabe que ele tinha tomado de amores pela mulher. (SCHLEE, 1984, p. 66)

É interessante observar que **o outro**, aqui, não é o uruguaio ou o sul-rio-grandense. **O outro** é o brasileiro, o gringo, que não são bem vistos pelo sujeito dessa fronteira. Isso ocorre, possivelmente, pela indefinição identitária do sujeito fronteiriço, como aponta Marin (2004). Há falta de uma nação precisa, pois o sujeito ora se identifica com o lado de cá, ora com o lado de lá. Dessa forma, há um forjamento de um homem brasileiro, pois gaúcho é tanto o do Rio Grande do Sul como o Uruguaio. Por isso, a não identificação com o Brasil.

No entanto, apesar da fronteira ser um marco simbólico, um entrelugar, e de não haver uma identificação com o restante do povo brasileiro, ou do povo uruguaio, a fronteira é, segundo Tau Golin (2002, p. 14), a primeira vista, interpretada como uma faixa ou zona existente nos dois lados da linha divisória e de fácil precisão, que une dois países. No texto, isso é representado no ato inaugural da ponte, quando os dois hinos

tocam e é possível distingui-los um do outro. Neste trecho há o reconhecimento da nação, embora isso não envolva um sentimento maior de pertencimento a ela.

quando os sinos começaram a bater ecoavam embaixo da ponte e repicavam num eco de pôr estremecimento em tudo. Houve logo um matraquear de foguetes que soaram duramente na superfície do rio. E se pôde distinguir direitinho os sons dos dois hinos, do hino brasileiro e do hino uruguaio. (SCHLEE, 1984, p. 67).

No conto “**Domingos**” a questão identitária é problematizada de forma marcante. O espaço fronteiriço, no texto, não é identificado claramente, a não ser pelos espanholismos e regionalismos presentes. Como em “**Primeiro de Janeiro**”, a personagem principal é desfavorecida economicamente e o estrangeiro também a causa repulsa.

Apesar dessa personagem ter um nome, o que mais chama a atenção neste conto é a necessidade de Domingos, depois de viúvo, em ouvir a falecida chamá-lo pelos apelidos que ela lhe dera e pelos que ele carregava desde a infância. Isso diz respeito à identificação. Mesmo não gostando destes apelidos, ele se identificava neles, com eles. E mais, se deslocava na fala da falecida, criando um processo identitário complexo, tanto que, na falta dela, ele sentiu-se confuso, perturbado com relação a sua identidade.

- Nanico! – ele esperava que ela o chamasse. Nanico! Ele queria que ela o chamasse.

Tinha ouvido a falecida chamá-lo de Nanico a vida inteira e nunca se conformara; se queixava sempre. Nanico isto, Nanico aquilo, dizia ela. Nanico enano, baixote, galinho de perna curta. Domingos, marido, homem de respeito; Mingote, Mingo, vá lá! Homem de respeito, apesar de andar por aí, de trabalho em trabalho. Mingote, Mingo, vá lá!

- Nanico! – esperava ouvir; Nanico, quisera ouvir na noite passada; Nanico, Nanico, Nanico! (SCHLEE, 1984, p. 44).

Os apelidos, em “**Domingos**”, se sobrepõem ao nome, tanto que, na narrativa, eles aparecem com a inicial maiúscula. Referente ainda à identificação, é importante mencionar que, no caso de Domingos, ela (a identificação) se estabelece no outro. A personagem só sabia o que não era em função do que o outro era. A mulher era um mulherão, alta para ele, por isso ele era o Nanico; o granjeiro era rico, tinha um anel de ouro, ele precisava trabalhar muito para ganhar pouco. Depois da morte da falecida há uma busca por uma nova identificação. Domingos precisa se desfazer do luto, da presença da esposa para recomeçar; precisa estabelecer outros processos de identificação:

Aquela gaza preta, aquele fumo no braço, aquilo ainda era ela, Nanico! O luto, Nanico! O luto! Com o mesmo dedão forçou aquilo braço abaixo, a ponto de quase rompê-lo. Então deixou-se ficar mais um pouco, de olhos no chão, vendo o pano caído na terra escura, um pobre pedaço de pano como qualquer outro, caído no chão, sem serventia nenhuma. Também inútil, como tudo ali. (SCHLEE, 1984, p. 44).

Quanto a repulsa ao outro, esta é marcada nesta narrativa pelo asco que Domingos sente pelo granjeiro, como ocorre no conto “**Primeiro de Janeiro**” – no sentimento que o primo sente pelo gringo. Mas essa repulsa é importante para marcar a alteridade, o

próprio reconhecimento da personagem, pois ele sabe quem ele é e se sente inferior por causa do outro.

Era grande e suave muito, e o deixava com uma raiva por dentro, uma espécie de nojo que não era bem o cheiro do cigarro; uma revolta que não era só por causa do sorriso do homem ou do jeito da mulher chamá-lo de Nanico. (...) Nem os olores dela, nem os do homem. Sarro de fumo. Catinga de estranho dentro de casa. (SCHLEE, 1984, p. 42).

Neste conto, o narrador se posiciona, assim como em **“Primeiro de Janeiro”** de forma crítica, porém, ainda mais explicitamente. Ele busca um entendimento maior com o leitor, como se ambos conversassem frente a frente e se compreendessem bem:

Tentava ordenar as coisas dentro da cabeça, onde a falta da mulher se misturava confusamente com tudo em volta. Fazia um esforço grande para, *bueno*, para isso mesmo, para ver se se explicava, se achava uma explicação não bem para tudo, mas para aquilo: ele ali, viúvo, o rancho...que sei lá! (SCHLEE, 1984, p. 39)

O tempo desta narrativa também é o tempo passado, narrada no pretérito imperfeito do indicativo. [Estava definitivamente só (SCHLEE, 1984, p. 39)]. O tempo cronológico se apresenta da seguinte forma: **três dias depois** de ter ficado viúvo, Domingos percebeu que estava só; Seriam umas **quatro horas, para lá de meia tarde de abril (...). Domingo (...)**. (SCHLEE, 1984, p. 39)

O espaço não fica claro como no conto **“Primeiro de Janeiro”**. O que o narrador apresenta em **“Domingos”** são dois espaços, um interno e outro externo: o rancho e o campo, respectivamente.

Estava definitivamente só. Seriam umas quatro horas, para lá de meia tarde de abril, e muito escuro dentro do rancho. Domingo de sol, talvez; a paineira florida, com certeza; e o gado miúdo da vizinhança pastando na volta das casas, entreverado: galinhas, patos, marrecos, perus e angolistas. (SCHLEE, 1984, p. 39-40).

O que remete ao espaço fronteiriço são algumas palavras, como: *solito*, *bueno*, *enano* – todas palavras da língua espanhola. A palavra *match*, do inglês, que significa partida, é outro indicativo da fronteira e da sua diversidade cultural. Ainda referente às questões lingüísticas, esse conto apresenta mais características regionalistas do que o outro conto analisado. O linguajar utilizado é bem característico do gaúcho rio-grandense (entreverado, rancho, venda).

No que cabe à memória, os contos de Schlee apresentam o passado como algo vivo, que alimenta o presente. Isso ocorre em **“Domingos”**, quando a lembrança da mulher continua influenciando o presente do viúvo e, também, no conto **“Estação Rio Branco”**. O narrador deste conto revela que **passaram-se anos e anos. Tudo mudou; mas na verdade nada mudou** (SCHLEE, 1984, p. 28).

Há uma citação, no início do conto, que também faz ligação à memória oral, passada de boca em boca [Não é preciso dizerem: qualquer um sente. Mas me contam; e é como se eu sentisse (SCHLEE, 1984, p. 23)]. Bem verdade, o conto **“Estação Rio Branco”** é permeado de lembranças. Lembranças estas muito ligadas à história, o que legitima o que se conta. É como se o narrador estivesse caminhando com o leitor e apresentando o passado do lugar.

A Estação ferroviária de Rio Branco, na Cuchilla, está ali como no dia em que toda a enorme lida acabou. Em que havia sumido por encanto a multidão de tipos sujos, bêbados e barulhentos. Em que afinal dormentes e trilhos tinham se ajustado definitivamente no novo caminho, por onde todos acabariam indo e vindo, e por onde afinal chegaria primeira máquina de trem ainda inquietante e indomada, ainda um animal que sua e que bufa e que já vai explodir. (SCHLEE, 1984, p. 23)

Este tom memorialístico que o conto apresenta, às vezes, é carregado de melancolia, de uma saudade triste. Essa tristeza pode ser oriunda da desvalorização sofrida pela ferrovia sul-americana:

Há sempre um vento passando pelo saguão e pela plataforma de embarque: um certo frio antigo, eco das risadas das mulheres que atenderam os construtores da ferrovia, gemido das dores dos que sofreram a construção sem que possamos agora rememorar-los nesta história. (...) os carro-motores vão e vem, agora, sem mistério e sem magia. Ninguém mais lhes volta os olhos, já não correm as crianças para vê-los passar. E muito menos o gado de assusta. Estão gastos e sovados como os trilhos e os dormentes, como as pessoas e as coisas, como o tempo e a vida. (SCHLEE, 1984, p. 24)

A desvalorização, o rumo que a ferrovia num geral tomou, a própria ferrovia é representada pela imagem do homem que fica na estação – como, também, ele pode ser a representação da memória desta ferrovia:

depois de tudo, depois de todos irem embora, depois de já não sentir nem cheiro de trem, depois de desaparecerem em suas salas com seus fardamentos todos os funcionários, depois de tudo ainda permanecer ali, como se nem houvesse entrado, um homem magro e velho, de braços caídos e olhos interrogativos. (SCHLEE, 1984, p. 25)

Os adjetivos **magro**, **velho**, **caído** carregam significados que aludem perfeitamente ao estado que ficou a via férrea sul-americana: empobrecida, esquecida e desvalorizada.

O texto é narrado no presente [Hoje se entra na estação ferroviária de Rio Branco e ela está simplesmente ali (SCHLEE, 1984, p. 23)]; [Os carro-motores vão e vem, agora, sem mistério e sem magia (SCHLEE, 1984, p. 24)]; [Aqui a gente se pergunta (SCHLEE, 1984, p. 24)], etc., embora a maioria dos verbos apareçam no passado – pois estes são as lembranças contadas. E a memória, segundo Jelin (2001), é ativada no presente, em busca do passado. O espaço – a fronteira entre Jaguarão e Rio Branco, mais precisamente **o lado de lá** da fronteira – Rio Branco e a sua estação ferroviária.

Do outro lado, os franceses vieram serpenteando com a estrada de ferro brasileira, volteada como o Rio Negro, até chegarem bem perto. Foi só construir a ponte e acertar trilho com trilho para fazer das duas uma. (SCHLEE, 1984, p. 26)

A linguagem, a arquitetura, neste conto, também apresentam e caracterizam o lugar fronteiro. Espanholismos como *bueno*, *pare*, *mire y escuche* são bastante recorrentes e fazem da comunicação deste espaço uma diversidade de línguas, pois com a freqüente ida e vinda de estrangeiros, sempre fica algum resquício lingüístico. No aspecto arquitetural, ocorre o mesmo, por a fronteira se tratar de um espaço híbrido, diversificado:

Hoje se entra na estação ferroviária de Rio Branco e ela está simplesmente ali, alta e imponente no seu segundo piso de platibandas ornadas com tochas flamejantes; ainda li pintada e repintada com cuidado, na sua britânica arquitetura ferroviária de requinte e de sobriedade, de pequenos espaços amplos e de sórdidos vazios. (SCHLEE, 1984, p. 23-24)

Essa diversidade que se estende ao sujeito fronteiriço também está presente neste conto de Schlee. Mostrado, principalmente, através da edificação da ferrovia, pela qual vieram pessoas de todos os lugares. Muitas pessoas também ficaram após a construção, garantindo a mistura híbrida, diferente, mestiça, transcultural características deste espaço:

Desde que chegaram os homens, desde que se abriram as picadas, desde que vieram os dormentes e trilhos as coisas foram mudando ligeiro demais. Eram gentes de pêlos variados, de modos estranhos, de toda a laia e para todo o gosto; (SCHLEE, 1984, p. 23)

As mulheres vieram, vieram os turcos; apareceram automóveis e gramofones; surgiram negócios e empregos; construíram casas e fortunas. (SCHLEE, 1984, p. 25)

Os homens falavam todas as línguas e trabalhavam entre suadores e gargalhadas, poeira e solaios, ordem e contra-ordens, para receber a paga e gastar tudo nas mulheres e no carteadado. (SCHLEE, 1984, p. 26)

As mulheres e os turcos cruzaram os braços à espera de nada. O mesmo pobrerio de sempre voltou a rondar pó ali, na sua faina de ter o que fazer para sobreviver. (SCHLEE, 1984, p. 28)

Todas as personagens que aparecem nos contos analisados – que permanecem no território de fronteira – são pobres. No conto **“Estação Rio Branco”** isso não é diferente. **O gaúcho magro e velho, de braços caídos também o é** (SCHLEE, 1984, p.28). E estas se misturam aos que chegam com o progresso – graúdos, donos de seus automóveis - mostrando, também neste conto, uma crítica social por parte do narrador, que não se cala à diferença social que habita a fronteira:

A graudagem toda reunida, os donos nos automóveis parados ali à volta. Foi chegar o trem e eles se chegaram no mais. E desceram do trem outros tantos. E subiram todos juntos. E ficaram lá dentro. A locomotiva chiando, o maquinista dobrado para fora, olhando o povo que não podia entrar no trem. O foguista de cara suj rindo com os dentes muito brancos. E, de dentro das janelas, por trás dos vidros, senhoras sentadas, gramofones, camas de linho e mesas de roleta. (...) O homem de gorro só está mais velho, e magro. Em trem, em vagão de passageiro jamais entrou (SCHLEE, 1984, p. 28)

Considerações Finais

Isolado do restante do país por quase dois séculos, como aponta Guilhermino César (1980, p.72), visto que até 1737 a província de São Pedro era uma **Terra-de-ninguém**, o RS teve uma participação importante na delimitação territorial do Brasil, principalmente por seu caráter de fronteira. Vizinho do Uruguai e da Argentina, o extremo sul brasileiro ocupou suas bordas de terra, em um primeiro momento, pelo seu contingente militar. As fronteiras militarizadas tinham um único objetivo: demarcar e delimitar a propriedade nacional.

Ligado tardiamente ao restante do Brasil, o RS incorporou a cultural local características do lado de lá da fronteira. Usos e costumes foram compartilhados entre gaúchos sul-rio-grandenses, *uruguayos* e *correntinos* desde as primeiras povoações. Esta identificação com os países vizinhos se deu fundamentalmente pela proximidade territorial. Comunicar-se com a corte brasileira resultava em uma demora imensa, enquanto estabelecer relações (principalmente comerciais) com os países do Prata resultava em um desgaste menor.

Esta mistura de culturas permitiu as fronteiras do Rio Grande do Sul um caráter móvel, aonde o ir e o vir fronteiriço inundaram o lado de lá e o lado de cá com aspectos particulares de cada lugar, edificando um espaço único e peculiar: o fronteiriço. A noção deste espaço geográfico permite ainda uma outra, a de que este espaço abarca uma dimensão distinta, porque contempla a fronteira **a partir de um ponto de vista tanto externo como interno, como caminho entre dois territórios e não pertencendo nem a um, nem a outro, mas aos dois** (LEENHARDT³).

Os três contos analisados completam, assim, o marco edificador da fronteira: **o rio, a ponte e a ferrovia**. Um sucedendo o outro, completando o outro e estreitando a ligação entre Brasil e Uruguai. A **ponte**, dessa forma, é a representação do **entrelugar**, pois ela contempla rio e ferrovia – um sobre e o outro sob ela, ganhando dimensão simbólica. Esse entrelugar é apontado na obra, também, através do seu título – **Uma terra só**, que desvenda, como aponta Aldyr Schlee, **o lado de lá, mas com a certeza de que ele é apenas uma outra maneira de se ver o lado de cá**. (SCHLEE, 1988, p. 4). **Aqui há uma terra só, uma só gente, seja do lado de cá, seja do lado de lá**. (1984, p. 6).

Referências Bibliográficas

- [1] AUTORES GAÚCHOS. **Aldyr Garcia Schlee**. Instituto Estadual do Livro: Porto Alegre, 1988.
- [2] BERND, Zilá. **Literatura e identidade Nacional**. UFRGS: Porto Alegre, 1992.
- [3] CESAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul: Período Colonial**. Porto Alegre: Globo, 1980.
- [4] JELIN, Elisabeth. **Los trabajos de la memória**. España: Siglo Veintiuno editores, 2001. Cap 2 disponível em: < <http://www.cholonautas.edu.ep> > Acesso em: 5 de agosto de 2006.
- [5] LEENHARDT, Jacques. **Fronteiras, Fronteiras Culturais e Globalização**. In: Revista de Literatura CULT/45. São Paulo, abril de 2001. Disponível em: <http://www.celpeyro.org.br/v4/Fronteiras_Culturais/front_frontCult_glob.htm>
- [6] MARIN, J. R. Hibridismo Cultural na Fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia. In: ABDALA JR.; SCARPELLI, Marli F. (Org.). **Portos Flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos**. Cotia, São Paulo: 2004.
- [7] PESAVENTO, Sandra (org). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2001.

3 Fronteiras, Fronteiras Culturais e Globalização. Disponível em:
<http://www.celpeyro.org.br/v4/Fronteiras_Culturais/front_frontCult_glob.htm>

[8] SCHLEE, Aldyr Garcia. **Uma Terra Só**. Melhoramentos: São Paulo, 1984.

[9] TAU GOLIN. **A fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina**. V.1. L&M Editores: Porto Alegre, 2002.